



**Mauricio Canêdo Pinheiro**

Professor associado da FCE/UFRJ. Doutor em economia pela FGV EPGE



## O que o Prêmio Nobel de Economia deste ano pode ensinar ao Brasil?<sup>1</sup>

A Real Academia Sueca de Ciências anunciou no mês passado que os ganhadores do Prêmio Nobel de Economia foram Joel Mokyr, Philippe Aghion e Peter Howitt por, nas palavras do comitê do prêmio, “terem explicado o crescimento econômico impulsionado pela inovação”.

Joel Mokyr é historiador econômico e demonstrou que as inovações só se multiplicaram a partir da Revolução Industrial, quando a sociedade passou a valorizar o conhecimento científico e a explicação racional das descobertas. Por sua vez, Philippe Aghion e Peter Howitt foram pioneiros no desenvolvimento de modelos teóricos que endogenizam a inovação como canal relevante do crescimento econômico de longo prazo.<sup>2</sup> Neste artigo vou dar mais ênfase às contribuições de Aghion e Howitt. Não porque elas sejam mais importantes do que as contribuições de Mokyr, mas porque se comunicam melhor com a minha agenda de pesquisa nos últimos anos.

Aghion e Howitt resgataram a ideia de destruição criativa de Joseph Schumpeter e formalizaram modelos em que as inovações elevam a produtividade, mas também desafiam empresas e trabalhadores, cujas tecnologias se tornam obsoletas. Seria justamente esse equilíbrio entre ganhos coletivos e perdas individuais o motor do desenvolvimento, mas também a fonte de tensões capazes de frear o progresso. Por um lado, se o ambiente institucional favorece a concorrência e o investimento em conhecimento, o ciclo de destruição criativa gera prosperidade. Por outro, se os grupos estabelecidos bloqueiam a inovação, a economia tende à estagnação.

Especificamente, em relação à concorrência, por um lado, mais competição reduziria a renda capturada pelas empresas bem-sucedidas em seus esforços de inovação, desestimulando o investimento nessa atividade. Este seria o que Aghion e Howitt denominam “efeito schumpeteriano”. Por

outro lado, o aumento da competição aumentaria o incentivo para que as empresas inovem de modo a escapar da concorrência de suas rivais, o que os autores denominam efeito “fuga da competição”. Tipicamente, o “efeito schumpeteriano” seria mais relevante para empresas longe da fronteira tecnológica, enquanto o “efeito fuga da competição” seria mais relevante para empresas perto da fronteira tecnológica. A combinação desses dois efeitos geraria uma relação entre concorrência e inovação na forma de um “U invertido”. Em um artigo recente, eu e meu coautor, Felipe Lage de Sousa, documentamos que essa relação de “U invertido” também se aplica a empresas brasileiras.<sup>3</sup>

Artigo de coautoria de um dos ganhadores do Prêmio Nobel de Economia no ano passado, Daron Acemoglu, complementa bem este ponto.<sup>4</sup> Mesmo para os Estados Unidos, eles demonstram que subsídios ao investimento em P&D, quando combinados com subsídios ou proteção às empresas estabelecidas ineficientes (em particular às maiores), geram, na melhor das hipóteses, ganhos pequenos de produtividade. Entretanto, se o governo subsidia o investimento em P&D das empresas estabelecidas, mas permite que as empresas menos eficientes sejam eliminadas pela exposição à competição, os ganhos de produtividade são substanciais. Ou seja, políticas que dão apoio perene a empresas estabelecidas grandes, ao não permitirem a liberação de recursos escassos (em especial, capital humano qualificado) para potenciais entrantes mais

---

## As evidências indicam que, para as empresas brasileiras, a atividade inovativa mais importante tem sido a aquisição de máquinas e equipamentos

---

eficientes, acabam sendo contraproducentes. Este ponto é particularmente relevante no Brasil, onde a escassez de mão de obra qualificada é um problema de grande proporção.

Além disso, Aghion e Howitt chamam a atenção para o fato de que a inovação e a acumulação de capital físico são fatores complementares no que diz respeito ao crescimento econômico.<sup>5</sup> Nesse sentido, as evidências indicam que, para as empresas brasileiras, a atividade inovativa mais importante (e na qual são dispendidos mais recursos) tem sido a aquisição de máquinas e equipamentos. Na verdade, mesmo nas empresas maiores, nas quais a atividade de P&D é mais disseminada, a compra de bens de capital mostra-se muito relevante. Este fato ganha ainda mais relevo à luz da evidência de que a importação de bens de capital é um importante canal de absorção de tecnologia. A relevância deste aspecto no desenvolvimento dos países do Leste Asiático, apontados como casos

de sucesso em políticas industriais e de apoio à inovação, é enfatizada por diversos autores.

O Brasil, por sua vez, é um país particularmente fechado à importação de máquinas e equipamentos. Ao aumentar o custo do acesso a bens de capital importados e, portanto, reduzir a possibilidade de absorção de novas tecnologias por meio da compra de máquinas e equipamentos, boa parte da recente política industrial brasileira tem dificultado a inovação. A limitação da pressão competitiva sobre as empresas domésticas, em especial sobre as grandes empresas próximas da fronteira tecnológica, outra característica de nossa política industrial, também tem atrapalhado a inovação. Aghion e Howitt já nos dizem isso há muito tempo. Quando vamos escutá-los? 

<sup>3</sup>A nomenclatura correta seria Prêmio Sveriges Riksbank de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel, mas usaremos o termo Prêmio Nobel de Economia por praticidade.

<sup>2</sup>Aghion, P.; Howitt, P. A model of growth through creative destruction. *Econometrica*, v. 60, p. 323-351, 1992.

<sup>3</sup>Canêdo Pinheiro, M.; Sousa, F. L. Is there an inverted-U relationship between competition and innovation in Brazil? *Economics Bulletin*, v. 45, p. 1.406-1.420, 2025.

<sup>4</sup>Acemoglu, D.; Akcigit, U.; Alp, H.; Bloom, N.; Kerr, W. Innovation, reallocation, and growth. *American Economic Review*, v. 108, p. 3.450-3.491, 2018.

<sup>5</sup>Ver Howitt, P.; Aghion, P. Capital accumulation and innovation as complementary factors in long-run growth. *Journal of Economic Growth*, v. 3, p. 111-130, 1998. Ver também Aghion, P.; Howitt, P. Some thoughts on capital accumulation, innovation, and growth. *Annals of Economics and Statistics*, n. 125/126, p. 57-78, 2017.

*Maurício Canêdo Pinheiro  
escreve a cada bimestre.*